



Punções da subjetividade e alianças: O normalizar, memoriais tessituras¹

*Punctures of subjectivity and alliances:
See normalization, memorials typesetting*

Marcelo Calderari Miguel²

Descarga da memória, tessituras e oportunidades

A vida passa como um filme e remexe minhas andanças.

Reverbera por um 'Ser' que ainda 'não o é' completude.

Reviram-se as memórias – frustrados e realizados projetos.

Avidez? Felicidade? Irreflexão? Sobrecarregada mesosfera!

Agora na firme termosfera, que foco pode surgir?

Cadê o erguer da mão ativa, o agir protagonista... O transgredir?

O motor já não pode dar sua partida... Perceba, há diferença entre o sacudir e o subsistir!

Retransmita dádivas, faça eclodir a governança; a missão é resistir, e, jamais sucumbir!

Algo pulsa, vibra, clama; algo me chama a pluralidade digital, a polarização sociocultural.

A vida são como labaredas, [coisa alguma conclama] se vê o mal estar nas artes e ciências.

Mas no ungir de chamas, a bandeira é o feminismo, a ecologia e a constitucionalidades amplas.

Logo ali veio à tona – uma pós-modernidade – traz câmbios, nota-se uma brava gente, Brasil.

E depressa ajuízo e reflito: memórias e intemperança em um país pajelança! Berço ou funil?

Receio esquivanças – o lugar do 'eu' infinito. Existe? Sociointeracionismo, oh esplêndido, *help*

¹ O poema (Na maré da vida) traz uma reflexão em volta de aspectos formadores da vida – o sonho, a história e a própria vida – de forma curiosa e circular. Traz ideais e dá voltas com elas, procurando um início que acaba também sendo um fim, criando um fluxo confuso, mas, de alguma forma, coerente. É extremamente abstrato e carregado de metáforas, trazendo pouca ligação direta entre as estrofes, o que intensifica a maré confusa e constante de palavras e ideias que traz na tentativa de definir e ligar sonho, história e vida. Essa mesma confusão (creia proposital) do poema fazendo uma onda ao ritmo da leitura. Já o fotopoema - começou pela fotografia do gafanhoto/esperança - inseto vivo e sem uma das pernas, mas com antenas, e circula da estrutura imagética para o rumo político.

² Especialista em Educação Científica pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Bacharel em Administração e Bibliotecomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) <https://orcid.org/0000-0002-7876-9392> Av. Princesa Isabel, 86 - Centro, Vitória - ES, 29010-360 | Endereço eletrônico: marcelocalderari@yahoo.com.br

Na maré da vida e por um triz, transforma prática

Sonho, história e vida.

Tais palavras têm a sua sina.

Registram cenas, expressão vontade: a existência.

Sonho, história e vida! Quanta vez tu ouvirás?

Tais palavras têm uma ligação íntima.

Devaneios significam e também ecúleo, fábula e narrativa...

Sonho, história e vida.

Sonho é fantasia, história é registro, vida é sincronia.

Ilusão é sonho, imaginação, reflexão, miragem, aspiração.

Sonho constitui uma mistura, de vida e história, em sintonia.

Sonho, história e vida. Tanto perguntado? Qual é seu sonho, sua história, sua vida?

Sonho meu, história minha, vida individualista: uma antropocêntrica desvairada.

Sonho, história e vida: alegrias, barreiras, farândolas, tormentos, utopias e vitórias...

Sonho, vida e história; um caminho diria.

Uma sensação marcante e vital?! Cada ser possui tais elementos!

Marcando ritmo, sendo o compasso da vida...

E de uma memória que é inseparável dos sonhos e das lembranças, e se diz mágica.



Memórias e o procrastinar, transformar alívio sem remédio

Memória no olhar, lugar de aprender e visualizar.

Memórias sentidas, uma ajuda dita ou não compreendida.

Há a memória agitada, dita a mente, choca o Ser!

A memória provoca dores e amores, é certa e alivia.

Memória tem poder de afagar as palavras que jamais seriam ditas?

Memórias mostram um fatal erro, ofensas e rancores ou alguma atoarda que você aguarda.

Há memórias que influenciam o grito, tornam-se escrita palavras de salvaguarda.

A memória afronta, traz a tona tudo que amedronta: bricolagem, simulação e vanguardas.

Memória ofendida, odiada, devorada e consolidada... De alguma forma expressa.

A locomotiva da verdade, pauta um válido direito a memória. E memórias também se engessam.

Há memória prezando o direito de ser esquecida ou revelada – oh hecatônquiros, vida pregressa!

Memória também é capacidade de adquirir, evocar e armazenar gerais compressas.

Memória prepara, ignora, assombra, transtorna, entristece, enrijece certos hologramas.

Memória é fatos e ações de experiências vividas ou ouvidas, traduz e experi dramas.

Há memórias adormecidas, disseminadas nas esquinas – e, por vezes é distorcida trama.

A memória se faz tecida, ora protege e retalha, ora acaricia e alucina; transforma panoramas.

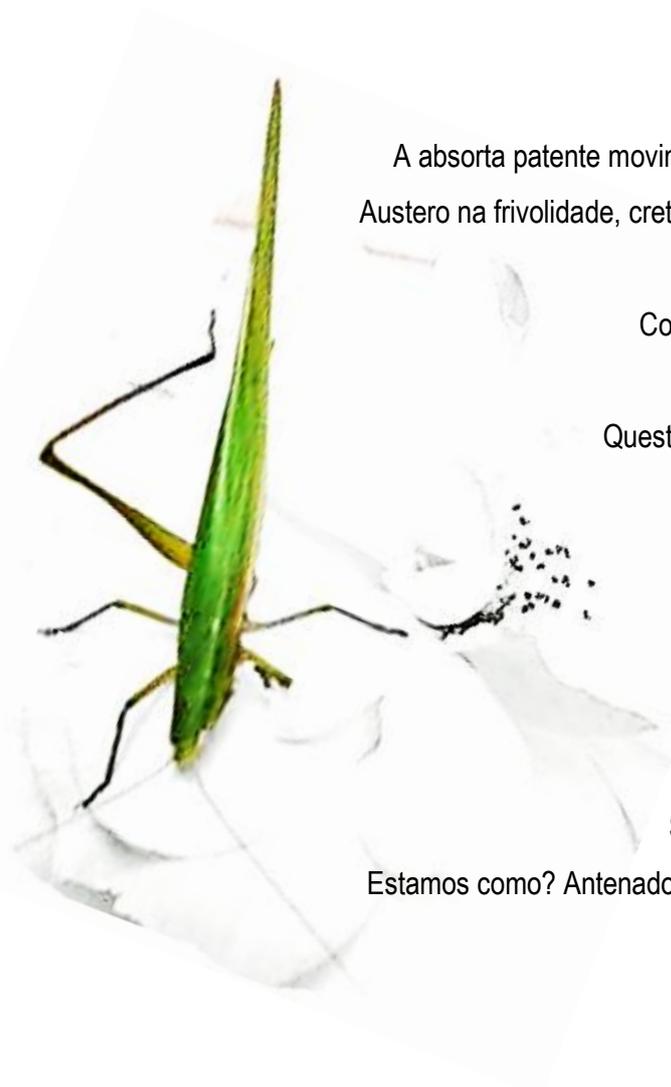
Memória que você adora, tem poder de salvação, atíça emoção em pictogramas.

Memórias às vezes são disputadas e emplumam, são despeitas e atuantes programas.

Há memórias que envolvem, situam urra, tecem puras e duras alteridades e caligramas.

A memória rima, funesta e sazonal vulnerabilidade. São as escolhas da mente e fluxogramas!

Heranças que recebemos, legados que deixamos



Antenado estamos? Como?

A absorta patente movimentada o meio social, escória canalha traz salutar ambição!
Austero na frivolidade, cretina politicagem, lúgubre e flâmula situa um latente clímax.

Com todo vapor ao colapso; abrupta infrequência do Estado.
Como antenados, caramba? Questiono-me!
Questione-se também, ora bolas! E, principalmente, seja Bravo.
Pois a icônica e trivial caneta sem clarividência,
pífio titubear gesta.

O errático telhado, lugar de empáfia,
é legado sórdido de deboche à democracia.
Parabólica interferência e sazonalidade camaleônica.
Sinal aberto a uma banda, escrota e espúria, sugesta laje!
Estamos como? Antenados e alertas? Erga o Brasil, esperança! Sem pernas falhas.



Transborda e arrasta, pernóstico romântico confeito que sou

Falaram que de *gay* tem um pouco, eis a invocação para um dia líquido.

Mas, sim, de homem, de mulher e de moço: Sol do Novo Mundo, de tudo eu tenho um pouco.

De idoso, criança e doido... De tudo sinto o todo, memoriais tessituras, valhacouto viver!

Índio, político, bancário e lunático, sim, de tudo tenho um pouco – alianças, aliados e subjetividade.

Gêmeo, infante, combate, barbeiro e aventureiro sou um pouco: normaliza e se rebelara.

Professor, cientista e operário, sou chocante e o todo em muitas partes, façanhas de múltiplos toldos.

Astrólogo, museueconomista, sindicalista, terraplanista... Diálogos inusitados, respeito todos.

Na alma, tudo tenho um pouco. Fulguras, efervescência e compostura, não importa o lugar.

Ética é o bem maior que me move aqui, e vale tanto na realidade daqui, dali e acolá.

Trabalho na fé de dias melhores, um *freelancer* de memórias e estratosféricos trabucos.

Entre Éolo e membranofones, vou da troposfera à exosfera, sou punção em cinco participio camadas.

Luto na megalomania insana da arte e da vida, essência mutante, desafiando adjetivista xodó.

Existir é cutucar, caducar e armar ligeras expressões. Manifesto, conviver não tem gabarito.